

ALGUMAS PALAVRAS OBRE O CINEMA MARANHENSE: Entrevista com o Professor e Cineasta Murilo Santos

Enzo de Sousa Pereira (FICÇA/ UFMA)*

Naiara Sales Araújo(FICÇA/ UFMA)**

Quando se pensa na história do cinema em terras ludovicenses, especialmente nos primeiros contatos com a "7ª arte" até o que seria de fato o surgimento de uma produção fílmica, podemos relembrar em um sentido histórico, o início do século XX no Maranhão. O ciclo do cinema ambulante, – como coube ser chamada essa fase – no qual os aparatos de projeção eram os mais variados e, em sua maioria, de origem europeia, circulavam pela cidade com alguns proprietários, projetando filmes importados de países como França e Inglaterra. No ano de 1895, os irmãos Auguste e Louis Lumière fazem a primeira exibição de cinema no mundo e, alguns poucos anos depois, o italiano José Felipe, proprietário de um bioscópio inglês, realiza entre os dias 13 de Julho e 09 de Agosto de 1902, no antigo Teatro São Luís, – hoje conhecido por Teatro Arthur Azevedo – uma das primeiras exibições fílmicas datadas em São Luís e no território Maranhense.

Porém, é com Rufino Coelho Júnior, proprietário do Cinematógrafo Parisiense, que se dá a primeira exibição de filmes de um autor maranhense, nos dias 08, 09 e 10 de Setembro de 1906, sempre a partir das 11 da noite. As projeções ocorriam no Largo dos Remédios, em sessões gratuitas e deveras concorridas. A partir de 1910, já existiam na capital maranhense cinemas estabelecidos como casas de espetáculo. O que se notava, quanto ao pioneirismo de filmes nativos, era uma rivalidade quanto a produções do Ideal Cinema, cinemas São Luiz e Pathé. As atividades de produção da época muito pouco se estendiam para o interior do Estado, ou seja, ficavam restritas à capital. Após esse período o

* Cineasta/ Filmmaker; Graduando em Artes Visuais pela Universidade Federal do Maranhão; Bolsista Pesquisador Pelo Programa Foco Acadêmico; Ex aluno da Escola de Cinema do Maranhão; Membro do grupo de Pesquisa FICÇA- Ficção Científica, Gêneros Pós-modernos e Representações Artísticas na Era Digital.

** Doutora em Literatura Comparada; Professora do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão; Líder grupo de Pesquisa FICÇA- Ficção Científica, Gêneros Pós-modernos e Representações Artísticas na Era Digital.

que se nota é um vácuo quanto à produção fílmica maranhense, que voltaria a culminar somente no movimento Super-8, dos anos 70/80, com cineastas como Murilo Santos e Euclides Moreira Neto.

Atualmente o cinema maranhense se encontra em uma fase promissora, no que diz respeito à sua produção, diversos são os fatores que contribuíram para este fato. Pode-se destacar a democratização da tecnologia digital no mundo, o que tornou, abundantemente, mais acessível – em termos de mercado – os aparatos necessários para produção audiovisual, além disso, as produções fílmicas maranhenses têm ganhado cada vez mais prestígio no cenário de festivais nacionais e internacionais: Farol (2018), de Arturo Saboia, participou do Short Film Corner 2018, um dos eventos que ocorrem no Festival de Cinema de Cannes e, mais recentemente, Aquarela (2018), de Thiago Kistenmacker e Al Danuzio foi selecionado na Competitiva de Curtas do Tradicional Festival de Gramado, levando para casa os prêmios de Melhor Desenho de Som e Melhor Montagem. Ademais, o Estado do Maranhão conta com duas distribuidoras de grande porte em filmes independentes no Brasil, a Petrini Filmes e a Lume Filmes. Deste modo, podemos afirmar que há, atualmente, uma embrionária e, certamente, promissora indústria de cinema no Maranhão.

José Murilo Moraes dos Santos, conhecido como Murilo Santos, é um importante cineasta maranhense, sendo um dos fundadores do Laboratório de Expressões Artísticas (LABORART) e do movimento Super-8 no Maranhão. Atualmente, professor titular pelo Departamento de Artes Visuais na Universidade Federal do Maranhão. Seus filmes têm forte cunho político, além de caráter documental de denúncia. Alguns de seus filmes são: “Um boêmio no céu” (1974), “Tambor de crioula” (1979), “Quem matou Elias Zi” (1982), “Bandeiras verdes” (1988), “Na terra do Caboré” (1986) e “Marisa vai ao cinema” (1995).

Nesta entrevista, o professor e cineasta Murilo Santos narra um breve relato de sua relação com a linguagem do cinema, o seu início como fotógrafo e seu fascínio pela tecnologia que possibilita a produção fílmica. Além de compartilhar algumas opiniões sobre o cinema no Maranhão, fomento e produção durante as décadas de 70/80 e, até mesmo, atualmente:

E.S.P - Professor, quais foram suas primeiras experiências com a linguagem do cinema?

Murilo Santos – Antes de trabalhar com cinema, eu comecei a mexer com fotografia, porque meu pai era fotógrafo amador. Embora fosse amador, era focado assim na coisa, tinha amor pelo que fazia e procurava comprar bons equipamentos, tinha laboratório para revelar em casa mesmo, ainda que não em grandes ampliações. Nesse laboratório, havia uma câmera escura. Nós morávamos em uma casa grande, dizem que era de Ana Jansen - teria sido de Ana Jansen - hoje é uma clínica ligada ao hospital universitário, próximo à Praça Gonçalves Dias. Eu comecei a fazer fotos. Ele me fez uma espécie de roteiro da cidade, para fotografar o Lítero, Jaguarema, caixa d'água, e ali para mim funcionou como um roteiro. Isso me encaminhou um pouco para o cinema. Eu tinha uma máquina de projeção que a gente se divertia com desenho animado e película. Minha história com o cinema começou pela máquina, o fascínio pela máquina, não foi algo que começou com a literatura do assunto, mas pelo fascínio pela máquina que recria o outro mundo. Então eu fiz um curso na época em que eu comecei a desenvolver essa parte de interesse pelo cinema; eu e outras pessoas, um grupo, parece que de seis pessoas, fundamos o Laboratório de Expressões Artísticas (LABORART), dentro de um conceito que era, na época, diferente do que é hoje: que era uma casa para ter todas as linguagens ou expressões, e a partir daí interferir na arte local colocando os experimentos feitos lá como uma forma de renovar ou dinamizar. No caso do cinema, nem era uma renovação, porque não existia. O primeiro filme que tá catalogado nas pesquisas que Euclides fez, foi um filme que eu fiz, em 1973 ou 74, da festa do Divino Espírito Santo em Alcântara. Nós fizemos uma viagem para lá em uma pesquisa de campo, acreditando, naquele período, que os elementos da cultura popular e todo esse universo poderia trazer algo de novo para nossa arte que era muito acadêmica, muito conservadora ou anacrônica. Então, pode-se dizer que eu fui um pioneiro na pesquisa do cinema.

E.S.P - Na história do cinema brasileiro, é possível notar quebras ou rupturas entre um movimento e outro, no cinema maranhense o senhor diria que existe uma continuidade de produção num contexto geral?

Murilo Santos – No cinema Brasileiro tem até alguns atores que falam assim: é um eterno recomeçar. Agora mudou muito. No cinema maranhense a gente tem um ciclo e, depois, um não ciclo, e depois voltou a ter uma outra coisa que eu não sei se dá pra chamar de ciclo porque é nova. Eu não tenho opinião formada. O primeiro ciclo foi do super 8¹, embora eu fizesse 16mm, e fui o único a fazer isso, porque eu tinha condições: tinha TV educativa em que aprendia a mexer com isso, tinha os amigos da minha ex-esposa que era paulista e conhecia todo o pessoal de cinema de São Paulo, um pessoal mais alternativo que é mais de curta metragem, politizado, ali em meados da década de 70. Então, nesse ciclo do *super 8* encerra em 1982. Depois disso, nada foi feito, entrou o vídeo e aí pouca produção, depois quase nada. Houve até uma tentativa, um movimento, de terminar o Guarnicê, porque era um festival dispendioso. A própria Universidade² falou isso, mas não no tempo do Euclides, e não tinha ninguém daqui fazendo filme. Claro que colocar filme em um festival, como um cineclube na época era mais voltado para produção, é muito voltado para produção além do filme para debate. O festival não é só a mostra local, mas é também mostras nacionais, pedagógicas, nesse sentido. Depois, teve um ciclo mais recente porque as temáticas mudam. Ainda não tenho algo mais claro para falar.

E.S.P - As políticas de fomentação de produção do Estado, como da Embrafilmes, chegavam em São Luís de alguma forma?

¹ Super-8 (ou Super 8 mm) é um formato cinematográfico desenvolvido nos anos 1960 e lançado no mercado em 1965 pela Kodak, como um aperfeiçoamento do antigo formato 8 mm. No texto, Super 8 refere-se ao movimento cinematográfico ao qual o cineasta Murilo fez parte em São Luís.

² A fala faz referência à Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

Murilo Santos – A Embrafilme trabalhava longa metragem, que era comercial, ou seja, o filme propriamente dito para o cinema. Criou-se então uma diretoria para filmes não comerciais, na época do Carlos Augusto Caliu, eu acredito, e essa diretoria ninguém sabia que existia, e aí teve um período que, por alguma razão, veio o Caliu *para cá*, para São Luís. Fui apresentado a ele, eu mostrei um filme, um curta metragem, 16mm, inacabado, e um outro “*Quem matou Elias*”, foi quando ele me disse que abriu um patrocínio para finalizar esses filmes de vários estados fora do eixo Rio-São Paulo e incentivou, porque aqui não se sabia... **[sic]**. Então, não houve uma ação de divulgação da própria Embrafilme, ou de uma caravana que vai para o Maranhão, depois para o Piauí, por exemplo. [...] Agora a Embrafilme fez uma coisa interessante, que foi a formação de plateia. Então, em 1982, por aí, *veio* duas pessoas voltadas para o cinema, mas não exatamente cineastas, que davam curso de formação de plateias. Eram exibidos filmes nacionais, se debatiam e discutiam. **[sic]**

E.S.P - Hoje em dia, é comum assistir a filmes nacionais nos cinemas. Na década de 80, era possível assistir a produções nacionais com frequência, nos cinemas em São Luís?

Murilo Santos – Acontece o seguinte, eu não entendo tão bem assim dessa parte de distribuição, às vezes era possível assistir no Colossal, ou no Cine Passeio. Eu entendo que o cinema, não importa se ele está em uma capital longínqua como é São Luís, a distribuidora que manda o filme para cá, se ela privilegia o cinema americano, não é por São Luís estar distante... A distribuidora tem um estoque e manda esse estoque para todo lugar. Nem sempre o exibidor vai exigir **[sic]** um filme de arte, ele quer que dê dinheiro. Não é que não havia dificuldade no cinema brasileiro, filmes de grande bilheteria ficaram bem aqui. [...] Nunca transitei na parte de distribuição. Agora assim, a gente confunde, mistura tudo, longa metragem, curta metragem, filme de cinema com filme que não é de cinema, mas que tem um valor e que pode ganhar festival nacional **[sic]**. Por exemplo, eu

tenho um filme “Bandeiras Verdes³”, que eu considero um filme da década de 70, que tem conceitos de cinema desse período e é o único filme de 70 que vive até hoje. Vai passar agora em Itapecuru. Até hoje, o pessoal de geografia da UEMA usa demais esse filme, já fui várias vezes lá, e até hoje tá vivo.

E.S.P - Sobre o cinema maranhense hoje, o que é que o senhor pensa a respeito?

Murilo Santos – Eu acho que o cinema maranhense hoje está numa boa fase, muita gente criando, muita gente fazendo, e outra coisa, existe também pessoas que estão fazendo cinema, ou coisas com audiovisual, que não estão nessa rota dos festivais. São pessoas ligadas a movimentos sociais, como o projeto do Gerur, do professor Horácio, tem também o GEDMMA, eu dei uma oficina de dois meses. [sic]

³ O filme *Bandeiras Verdes* (1988), de Murilo Santos registra e narra a experiência de vida de pessoas durante a expansão camponesa de comunidades no Vale do Rio Carú, interior do Maranhão. Disponível em: <<http://tvufma.ufma.br/sessaoguarnice/index.php/category/murilo-santos/>> acesso em Setembro de 2018.